

A PALAVRA TOMADA. OU O LAPSO NA “RETIFICAÇÃO” DO DISCURSO OUTRO

SANTIAGO BRETANHA¹; ARACY GRAÇA ERNST³

¹ PPGL-LEAD/Universidade Federal de Pelotas – santiagobretanha@gmail.com

³ PPGL-LEAD/Universidade Federal de Pelotas – acarcyep@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Entre maio e junho de 1988, nas dependências do Museu da Imagem e do Som, vem à cena o documentário *Imagens do Inconsciente*. Sob a locução de Nise da Silveira e dirigido por Leon Hirszman, a película constitui-se em três episódios que remontam pela arte a vida de Fernando Diniz, de Adelina Gomes e de Carlos Pertuis, que, para além de sua obra, ficariam conhecidos como (ex)internos do Hospital Psiquiátrico de Pedro Segundo. Quase trinta anos após as primeiras gravações, são descobertos no arquivo da Cinemateca Brasileira negativos de entrevistas cedidas por Nise a Hirszman. Chega ao público, assim, sob os cuidados de Eduardo Escorel, uma quarta obra à propósito de *Posfácio* (POSFÁCIO, 2014). Marcado por interrupções, ruídos e pontuações, *Posfácio* produz um efeito de retorno sobre as *Imagens do Inconsciente*, especialmente sobre o estatuto da psiquiatria.

Inquietados frente a esse movimento, em que uma produção discursiva retorna sobre si, isto é, sobre os efeitos de sentido que (re)produz, tencionamos analisar a construção imaginária da prática clínica (des)locada no/pelo Posfácio. Para tanto, ancoramo-nos nos princípios teóricos da análise materialista dos processos discursivos, ou Análise de Discurso (doravante, AD), pautada, inicialmente, nos trabalhos de Pêcheux ([1969] 2014, [1975] 2014a, [1983] 2015) e de seus colaboradores.

2. METODOLOGIA

Em AD, entende-se que a construção metodológica não é um *a priori* ao gesto interpretativo. Antes disso, constrói-se em razão das especificidades materiais do discurso em análise e dos objetivos de pesquisa. Constrói-se, dialeticamente, no batimento entre descrição e interpretação. Como primeiro movimento de entrada no arquivo, operamos a transcrição de *Posfácio*, dando ênfase ao verbal em relação vertical com gestos corporais, hesitações, pontuações e demais elementos que constroem a materialidade sincrética (QUEVEDO, 2012).

Dante deste material “bruto” e de nosso objetivo geral, faz-se relevante a concepção de *imaginário*, uma das principais elaborações de Pêcheux. Silva (2012) salienta que nos primeiros trabalhos de Pêcheux o imaginário é tratado através da noção de Formações Imaginárias. Pêcheux (2014a) destaca que, ao produzirmos um discurso, sempre o fazemos de um lugar determinado na estrutura da formação social. Contudo, esses lugares, no processo discursivo, não funcionam como “um feixe de traços objetivos” (p. 82): eles se encontram representados e transformados, através das Formações Imaginárias. Dessa forma, o que funciona no discurso é o lugar que cada sujeito atribui ao outro e a si, e as imagens que esses sujeitos fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. É importante destacar que não são apenas os interlocutores que funcionam

no discurso como imagens, pois o referente também é constituído como um objeto imaginário, ou seja, o que funciona no discurso é o ponto de vista dos sujeitos sobre o referente e não sua natureza empírica.

A partir da publicação de *A propósito da Análise Automática de discurso* (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 2014), Pêcheux passa a repensar a instância do imaginário. Influenciado pela leitura de *Aparelhos Ideológicos de Estado*, de Althusser (1970), o imaginário é visto como intrinsecamente ligado à ideologia e, a partir de *Discurso: estrutura ou acontecimento* ([1983] 2015), à constituição psíquica do sujeito.

Nesse sentido, Pêcheux sustenta a tese de que a ideologia opera como representação imaginária que “media” a relação dos sujeitos com suas condições materiais de existência, produzindo efeitos de evidência (do sujeito, do sentido, das relações sociais...). Por outro lado, o autor questiona algumas formulações anteriores que tratavam as evidências imaginárias como algo fechado, resultando em um sujeito incapaz de (re)produzir imagens diferentes daquelas previstas pela ideologia que o interpela.

Em suas retificações, Pêcheux propõe que se as representações imaginárias têm existência material através da língua, e esta é uma estrutura sujeita ao equívoco, então é possível que a instabilidade do simbólico afete a, até então, suposta estabilidade das representações imaginárias. Já que “não há ritual sem falhas” (PÊCHEUX, 2014a, p. 277), é possível que, por meio das falhas no processo de interpelação ideológica, se manifestem representações imaginárias não previstas pela ideologia dominante (SILVA, 2012), instaurando resistência.

Com base nestas elaborações teóricas, e tendo em vista o interesse de atentar aos efeitos de sentido decorrentes do retorno de uma produção discursiva sobre si, em recorte, voltamo-nos, especificamente, à seguinte sequência discursiva de referência (COURTINE, [198] 2009) construída na interlocução entre Nise e Hirschman:

SD 0 [42:46 – 43:50]

“Penso como Antonin Artaud: ‘há dez mil modos de ocupar-se da vida e de pertencer à sua época’. Quer que repita a frase? ‘Há dez mil modos de pertencer à vida e de lutar pela sua época’”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nível enunciativo da SD 0, há uma construção, “típica”, de discurso relatado direto inserida como citação, seguida por uma oração interrogativa que remonta, uma vez mais, o discurso relatado. As hesitações (excitações), os gestos, os silêncios que constroem o dito (anunciado) buscam na memória o aforismo atribuído a Antonin Artaud, vivaz artista surrealista. Ou, melhor, coloca-se em jogo os sentidos que a arte atribui à sua prática, à sua posição frente à vida e à sua época, como se familiares aos que a terapêutica busca.

E porque a memória é equívoca, e porque a língua em que se atualiza também o é, o lapso irrompe, aí, via metonímia, em que “ocupar” desloca para “pertencer”, “pertencer” para “lutar” e “(da) vida” para “(à) vida”. Entendemos o lapso como um evento que irrompe no enunciado, uma “palavra singular” que acontece na cadeia discursiva e inscreve, em ato, um traço materializado da heterogeneidade que lhe constitui (FENOGLIO, 1997, 2002).

O lapso, além de imprevisível e de ser favorecido pela estrutura da língua, é irrevogável. A fratura que provoca na linearidade do dizer faz-se suporte

significante que indica a verdade do sujeito do inconsciente (ERNST, 2018). Sob essa perspectiva, o enunciado em análise é duplamente heterogêneo: (i) na relação entre o discurso outro, reportado como citação, e a modalização autonímica que aos seus termos retorna; e (ii) na relação entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação – na hiância pela qual o impensado desponta no dito.

Como o discurso relatado é reivindicado pelo sujeito da enunciação, podemos entendê-lo como uma modalização sobre o dito, conformando-se como glossa. Desloca o que era “frase”, “pensamento” do outro para tomá-lo. Aí, a “vida” já não é *algo de que se ocupa*, mas *algo em que se é*. “A uma época” não se pertence, mas por ela se *luta*. Logo, a prática terapêutica é imaginariamente construída como um modo de ser no mundo.

E porque *ser no mundo* presume luta, *práxis política*, o trabalho do psiquiatra é o de construir a sua época transformando o homem; transformando a relação entre os homens. Frente a essa constatação, subterraneamente, o lapso desloca, ainda, uma outra imagem, a do objeto da prática teórica: do louco em mangas-de-camisa, corpo medicalizado, para um corpo-sem-órgãos, como nos diz Artaud: uma vida-processo, sem início nem fim, sem dentro nem fora.

O lapso que se inscreve na cadeia significante, ao instaurar uma “palavra singular, à revelia do sujeito, instaura imagens não previstas, a priori, pelo domínio de saberes que regula aquilo que pode/deve, ou não, ser dito. Ao mobilizar o discurso outro, advindo de uma outra regionalização do interdiscurso, a palavra precisa ser mantida a distância e, em seguida, ocupada. Nesse movimento, em que o funcionamento da ideologia e do inconsciente estabelecem paralelo, o discurso relatado tem seus sentidos deslocados, ao mesmo tempo em que tensiona as redes de memória em que passa a estar inserido, produzindo resistência. Sob essa perspectiva, o discurso assume a ordem de um *relação a*. Ao mesmo tempo em que constitui-se *après-coup* (a priori) a partir da rede em que irrompe, estabelece um *contrecoup* (contragolpe, repercussão) nos elementos que o precedem.

4. CONCLUSÕES

Às avessas de estruturas em que a modalização autonímica é mobilizada na “retificação” do ato falho, tem-se um ato falho que “retifica” o discurso outro deslocando-o a uma outra cena. Tomada em rasura, a construção discursiva da prática clínica em Posfácio pende entre uma imagem, pretensamente, “bem-acabada”, pautada no/pelo discurso outro, e outra, equívoca, que irrompe como lapso. Lidas em *relação*, para além de uma lógica disjuntiva, essas imagens compõem Posfácio esteticamente, no instante em que o sujeito desvanece para deixar o lugar a *um discurso*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença 1970.
- AUTHIER-REVUZ, J. [1982]. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. **Entre a transparência e a opacidade**. Um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Barbisan e Valdir Flores. Porto Alegre: Edipucs, 2002.
- ERNST, A. G. Cinismo e ato falho no discurso político-midiático. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 21, n. 2, p. 6-16, 2018.
- FENOGLIO, I. « La notion d'événement d'énonciation: le »lapsus » comme une donnée d'articulation entre discours et parole », **Langage et société**, v. 80, 39-71, 1997.
- _____. « Le lapsus : paradigme linguistique des événements d'énonciation », **Cliniques méditerranéennes**, v. 62, éd. Erès, Marseille, 219-238, 1999.
- _____. L'autonymie dans les rectifications de lapsus. In: **Le fait autonymique**. Paris: Presses de l'Université de Paris III, 2002. Disponível em: <<https://atelim.com/lautonymie-dans-les-rectifications-de-lapsus-par-irne-fenoglio.html>>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- POSFÁCIO. Direção: HIRSZMAN, L. Produção de Leon Hirszman Produções. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2014, 1 DVD, 79min.
- PÊCHEUX, M. [1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2014.
- _____. [1969]. Análise automática do discurso [AAD-69]. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.
- _____. [1983]. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2015.
- _____; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-249.
- QUEVEDO, M. Q. de. **Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos**: um exercício de análise da imagem com base na Análise de Discurso. 2012. 253f. Dissertação. (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.
- SILVA, R. S. da. **Tempo na Análise de Discurso**: implicações no imaginário de trabalhador da CUT. Curitiba: Editora CRV, 2012.